

Fernando Molica

A perna sem cabelos do 'seu Jair'

O diálogo entre a policial Rita de Cássia Gaio Siqueira e Jair Bolsonaro sobre os danos por este causados à tornozeleira eletrônica se inclui entre os mais inacreditáveis da história política brasileira, de tão absurda e alegórica sobre os descaminhos do poder.

O fato de não haver imagens dos rostos dos protagonistas aumenta a dramaticidade e o ridículo da cena. A câmera está fechada no aparelho danificado e mostra um pedaço da canela do ex-presidente. A ausência das faces de Rita e de Jair permite que imaginemos as caras de ambos durante daquele interrogatório.

Diretora-adjunta da Secretaria de Administração Penitenciária do Distrito Federal, condecora-

rada pela Câmara Legislativa do DF por sua atuação na intentona do 8 de Janeiro, Rita de Cássia parece se dirigir a uma criança ou a um idoso já indefeso e com dificuldades de compreensão.

Com um sotaque que remete ao interior de São Paulo, ela usa um tom quase tabibita para se dirigir àquele que, não faz tanto tempo assim, era a pessoa mais poderosa do país e que até hoje mobiliza milhões de apaixonados.

Enquanto fala, roda a tornozeleira de um lado para o outro, movimentos que geram e ressaltam marcas de flacidez na pele do homem idoso, de 70 anos, o "seu Jair". O tom de voz é compreensivo, como quem ralha carinhosamente com uma criança que

quebrou um brinquedo ou com um velhinho que se perdeu ao caminhar a esmo pelas ruas.

É como se ela percebesse uma fragilidade no mesmo homem que, outro dia, louvava torturadores, queria fuzilar a petralhada, classificava de maricas os que alertavam para os riscos da covid, usava o pronome possessivo "meu" para falar do Exército, simulava o desespero dos que morriam sufocados. A perna mostrada no vídeo nada tem de cabeluda, parece ter ficado incapaz de distribuir chutes, deixou de ser como a do filme "O agente secreto".

O mais impressionante é que ele aceitou ser tratado dessa forma pela policial, não demonstrou nenhuma agressividade e da arro-

gância que marcaram suas falas públicas.

Falou baixo, parecia constrangido, envergonhado de admitir — ainda mais para uma mulher — que fizera tamanha besteira. Agiu como quem pedia desculpas à mãe ou à netinha, e atribuiu seu gesto de danificar a tornozeleira a uma "curiosidade". O Cavalão — seu apelido na academia militar — fraquejou, estava mais para matungo ou pangaré.

Ao depor na audiência de custódia, Bolsonaro mudou sua justificativa para o gesto. Culpou uma combinação de remédios pelo que classificou de "alucinação": achar que havia escuta na tornozeleira. Mais uma vez, tratou de terceirizar responsabilidades pelo que fez.

EDITORIAL

A falta de unidade na esfera ambiental

A fracassada negociação da COP30 em torno do fundo florestal e da eliminação dos combustíveis fósseis expôs, mais uma vez, o abismo entre discursos climáticos ambiciosos e a prática política tímida, quando não abertamente contraditória.

Em Belém, esperava-se que, diante da urgência dos alertas científicos e do agravamento dos eventos extremos, os países finalmente convergissesem para compromissos claros.

O que se viu, porém, foi um palco de interesses conflituosos, em que a pressa da emergência climática esbarrou na lentidão calculada da geopolítica.

O fundo florestal, apontado como mecanismo crucial para preservar biomas essenciais como Amazônia, Congo e Bornéu, tornou-se vítima da velha disputa entre Norte e Sul globais. Os países desenvolvidos insistiram em condicionar recursos a metas rígidas e auditorias extenuantes, enquanto os países em desenvolvimento exigiam financiamento previsível e não reembolsável, lembrando que grande parte do desmatamento histórico foi impulsuada justamente pela demanda global.

O resultado foi um impasse que

mina a confiança e posterga ações essenciais.

Ainda mais simbólico foi o confronto sobre os combustíveis fósseis. Embora a ciência seja inequívoca sobre a necessidade de eliminá-los rapidamente, algumas nações produtoras bloquearam qualquer menção a "phase-out", insistindo em expressões vagas como "redução gradual".

A retórica do "realismo energético" serviu de cortina para manter intocados interesses econômicos imediatos, mesmo diante dos custos sociais e ambientais crescentes.

O fracasso da COP30 não significa apenas a ausência de acordos; ele revela a incapacidade de muitos governos de imaginar um futuro que não esteja acorrentado ao passado.

Enquanto líderes tratam o clima como moeda de troca, comunidades inteiras já pagam o preço da inércia.

A conferência que deveria simbolizar virada histórica terminou lembrando que, sem coragem política, nenhum avanço técnico ou diplomático é suficiente. O planeta, contudo, não negocia: apenas reage. A conta continuará chegando, e mais alta a cada ano.

Lá veio a força, veio a magia

Em uma das suas canções mais viscerais, Milton Nascimento, com letra de Fernando Brant exalta a força da negritude e sua importância suprema para a cultura brasileira. O título da canção, que está no seu álbum "Milton", de 1976, não poderia ser outro: "Raça".

Que país estranho o nosso.

Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho

canção de Milton Nascimento. Pelos cálculos da Secretaria de Cultura, mais de 100 mil pessoas passaram pelo festival entre quinta-feira (20) e sábado (22).

Diversos artistas negros participaram da festa. Produtos de referência afro eram vendidos nos estandes. A "raça" pulsava na animação do público.

Alegria e esperança resumidos no título dado ao festival este ano: "Raízes que conectam o futuro". Porque é isso que deseja o país. Um futuro sem intolerância. Sem preconceito. No qual todas as raízes se conectem em torno de uma única solução. De um único caminho.

De "força", de "magia". Que sempre nos "incendeie o coração de alegria".

Opinião do leitor

Estátua

O técnico Carlo Lancelotti merecerá o céu, a Ordem do Rio Branco, a maior comenda do Brasil, afagos do Cristo Redentor, aumento salarial e estátua na CBF, caso a seleção brasileira conquiste o tão sonhado hexa. Se fracassar, não vejo razão para que Ancelotti permaneça técnico da seleção.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Pedro Guimarães*

O Rio celebra, o Brasil prospera

O Rio de Janeiro vive um momento de contrastes e oportunidades. Mesmo diante de desafios urbanos, o estado reafirma sua vocação de gerar prosperidade por meio da economia da cultura e do entretenimento. O setor de eventos se consolidou como um ativo social e econômico, capaz de mobilizar comunidades, impulsionar negócios e inspirar transformações.

Neste cenário, o APRESENTA SUMMIT 2025, que acontece em 24 de novembro, no Fairmont Copacabana, simboliza a maturidade e o profissionalismo do setor. O encontro reunirá grandes nomes do entretenimento para discutir o futuro da indústria de eventos e aprofundar o debate sobre novas formas de fomento e políticas de estímulo, como o Pense - Programa Emergencial de Retomada do Setor de Eventos,

criado durante a pandemia para preservar empregos e a sobrevivência do setor.

De acordo com a ABRAPE, o segmento de cultura e entretenimento movimentou R\$ 68 bilhões entre janeiro e junho de 2025, o maior valor da série histórica iniciada em 2019. O país conta hoje com 600 mil empresas ligadas à cadeia produtiva, responsáveis por 5,5 milhões de postos de trabalho.

No Rio de Janeiro, cerca de 1,3 milhão de pessoas atuam diretamente ou indiretamente no setor, que movimenta R\$ 20 bilhões em massa salarial e gera R\$ 10 bilhões em impostos. Só o Carnaval 2025 injetou R\$ 5 bilhões na economia, com 98,6% de ocupação hoteleira, segundo o HotéisRIO. O Réveillon movimentou R\$ 3,2 bilhões, e o Rock in Rio, R\$ 2,9 bilhões.

O impacto vai muito além dos megashows. Eventos gastronômicos, literários, esportivos e

de negócios, festivais de música como Doce Maravilha, Rock The Mountain e o Festival Sesc de Inverno, além de equipamentos como Píer Mauá, Maracanã, centros de convenção e casas de espetáculos, reforçam um calendário com mais de 52 atividades econômicas integradas — um verdadeiro motor de desenvolvimento.

O fortalecimento da malha aérea e os investimentos em infraestrutura ampliaram a presença do Rio no mapa global do turismo e dos negócios. Segundo a Embratur, o Brasil recebeu 7,1 milhões de turistas estrangeiros entre janeiro e setembro de 2025, superando as metas do Plano Nacional de Turismo.

As conquistas recentes consolidam o novo momento da cidade. No World Travel Awards - América do Sul, o Rio foi eleito Melhor Destino da América do Sul, de Curta Viagem, de

Praia, de Festivais e de Entretenimento, além de abrigar o Melhor Hotel da América do Sul, o icônico Copacabana Palace.

Na agenda do APRESENTA SUMMIT, a Reforma Tributária terá destaque. O setor comemora a redução da alíquota para 60%, mas defende a ampliação do benefício a outros segmentos do turismo e atenção à transição que pode impactar leis de incentivo culturais e esportivas.

Mais que um encontro de profissionais, o APRESENTA SUMMIT 2025 reafirma o poder transformador do setor de eventos — um ecossistema que gera renda, inclusão e orgulho para o país. Quando o Rio celebra, o Brasil inteiro prospera.

***Pedro Guimarães é presidente da Apresenta - Associação dos Promotores de Eventos do Setor de Entretenimento e Afins.**

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

HÁ 95 ANOS: JOSÉ AMÉRICO ASSUME MINISTÉRIO DA VIAÇÃO

As principais notícias do Correio da Manhã em 24 de novembro de 1930 foram: Juarez Távora e José Américo retornam da expedição do

Norte do país; Américo, que será o titular da Viação, mostrou como projetos e reorganização do Lloyd Brasileiro e a unificação das compa-

nhas de cabotagem. Força Pública será anexada ao Exército Brasileiro. Legião Revolucionária cresce em São Paulo.

HÁ 75 ANOS: LEI DO INQUILINATO MOVIMENTA BASTIDORES DA CÂMARA

As principais notícias do Correio da Manhã em 24 de novembro de 1950 foram: Cresce a resistência soviética na Coreia, com apoio da

China Comunista. ONU decide confederar a Etiópia e a Eritreia sob a coroa etíope. Concluído o censo demográfico de Sergipe e Rio Gran-

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)

Paulo Bittencourt (1929-1963)

Niometer Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)

patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)

redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro,

Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: Pedro Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71360-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.

